



VIDAS ESCRITAS
JAVIER MARÍAS

RELÓGIO D'ÁGUA

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

© Javier Marías, 1992
Primeira edição: 2007, Barcelona
Casanovas & Lynch Literary Agency S. L.
Prólogo: © Elide Pittarello, 2007

Título: *Vidas Escritas*
Título original: *Vidas escritas* (1992)
Autor: Javier Marías
Tradução: Salvato Teles de Menezes (excepto «Mulheres Fugitivas»
e «Um Epílogo», traduzidos por Francisco Vale)
Prólogo: Elide Pittarello
Tradução do prólogo: João Moita
Revisão de texto: Anabela Prates Carvalho
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com) sobre fragmento de
Een man schrijvend aan zijn lessenaar (1784), de Jan Ekels (II)

© Relógio D'Água Editores, Setembro de 2018

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-865-6

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.
Depósito Legal n.º 445937/18

Javier Marías

Vidas Escritas

Tradução de
Salvato Teles de Menezes

Prólogo de
Elide Pittarello

À Volta da Literatura

A imagem verdadeira de Isak Dinesen foi durante muito tempo a de uma anciã espectral, elegante e enigmática, até o cinema a substituir, com um romantismo excessivo e um não-sei-quê de patético, pela de uma infeliz aristocrata colonial. Não é que a baronesa Blixen não fosse romântica e aristocratizante, mas é mais justo dizer que julgava sê-lo, pelo menos desde que passou a ser Isak Dinesen, isto é, desde que começou a publicar, com esse e outros nomes, e regressou à Dinamarca depois dos seus longos e falhados anos em África. «A verdade é que usamos máscaras à medida que vamos envelhecendo, as máscaras da nossa idade, e os jovens julgam que somos aquilo que parecemos, o que não é o caso.»

Quando em 1959 visitou pela primeira vez a América, o país onde os seus livros tinham obtido maior êxito e apreço, a sua pessoa chegou precedida de rumores e mistérios infundados: ela é na realidade um homem, ele é na realidade uma mulher, Isak Dinesen são dois, irmão e irmã, Isak Dinesen viveu em Boston em 1870, ela é na realidade uma parisiense, ele vive em Elsinore, ela passa a maior parte do tempo em Londres, ela é freira, ele é muito hospitaleiro e recebe jovens escritores, é difícil vê-la e vive como uma reclusa, ela escreve em francês; não, em inglês; não, em dinamarquês; não, em... Quando por fim foi vista, nas inúmeras festas para que foi convidada e nas sessões públicas e muito concorridas em que narrava os seus contos de viva voz sem sequer precisar de notas, descobriu-se que era uma anciã frágil e extravagante, cheia de rugas e com braços cor de cera, vestida de preto, com turbantes na cabeça, diamantes

nas orelhas e enormes quantidades de *kôhl* à volta dos olhos. No entanto a lenda continuou, embora seguindo veredas mais concretas: segundo os americanos, alimentava-se apenas de ostras e champanhe, o que não era certo, pois também admitia de vez em quando gambas, espargos, uvas e chá. Quando Isak Dinesen manifestou o desejo de conhecer Marilyn Monroe, a romancista Carson McCullers conseguiu arranjar um encontro e, num célebre almoço, as três mulheres partilharam a mesa com Arthur Miller, o marido por antonomásia, que, surpreendido com os costumes da baronesa, lhe perguntou que médico lhe tinha imposto uma tal dieta de ostras e champanhe. Conta-se que o olhar de desprezo de Isak Dinesen nunca antes fora visto naquele país: «Médico?», disse. «Os médicos estão horrorizados, mas eu adoro champanhe e adoro ostras e sabem-me bem.» Miller ainda se atreveu a dizer qualquer coisa sobre as proteínas, e, ao que parece, aquele novo olhar de desprezo nunca mais será visto em solo americano. «Não percebo nada disso», foi a resposta, «mas sou velha e como o que me apetece.» A baronesa deu-se muito melhor com Marilyn Monroe.

O certo é que Isak Dinesen vivia habitualmente em Rungstedlund, a casa da sua infância dinamarquesa, e tinha uma vida muito sedentária devido às múltiplas maleitas de que sofria, entre as quais nunca esquecia a mais antiga e a que nada tinha que ver com a idade, a sífilis, que havia contraído no ano do seu casamento com o barão Bror Blixen, de quem se divorciara em tempos, não sem grandes hesitações. Este marido era irmão gémeo do homem que amara na sua adolescência, e talvez os vínculos por interposta pessoa sejam os mais difíceis de cortar.

Por causa da sífilis foi obrigada a renunciar à sua vida sexual muito cedo, e, ao ver que para isso não havia ajuda possível de Deus, e considerando até que ponto era terrível para uma mulher jovem ver-se privada do «direito ao amor», Isak Dinesen prometeu a alma ao Diabo, e este prometeu-lhe em troca que tudo o que experimentasse a partir dessa altura se converteria numa história. Pelo menos foi isso que contou a um não-amante de quem tinha o dobro da idade e o triplo da inteligência, o poeta dinamarquês Thorkild Bjørnvig, com quem fez um estranho pacto quando já tinha sessenta e quatro anos e a quem dominou e submeteu de maneira absoluta

durante quatro. Gostava de assustar este não-amante com as suas bruscas mudanças de humor, com os seus calculados actos surpreendentes, com os seus feitiços e opiniões desconcertantes mas sempre convincentes. Em certa ocasião assustou-o explicando-lhe a índole do seu ser: «Tu és melhor do que eu, é esse o problema», disse-lhe. «A diferença entre mim e ti é que tu possuis uma alma imortal e eu não a tenho. É assim que acontece com as sereias ou as nereidas, também elas não têm. Vivem mais tempo do que aqueles que têm uma alma imortal, mas quando morrem desaparecem completamente e sem deixar rasto. Mas quem pode entreter e agradar e extasiar melhor as pessoas do que a nereida quando está presente, quando brinca e encanta e faz essas pessoas dançar mais loucamente e amar mais ardentemente do que é possível? Mas nota que desaparece e apenas deixa atrás de si um fio de água no chão.»

Quando este poeta (que ela instava a abandonar a mulher e o filho para passar longas temporadas «a criar» na sua casa de Rungstedlund) não mostrava estar à altura dos acontecimentos (e costumava ser quase sempre assim), a baronesa indignava-se e tratava-o mal, como fazia quando ele se atrevia a criticar negativamente algum dos seus escritos. Mas Isak Dinesen nunca era constante, e depois de uma descomunal discussão era capaz de se comportar de forma encantadora no encontro seguinte, como se nada se tivesse passado, ou mesmo de felicitar o não-amante pelo seu sentido crítico insubornável. Eram muito dela essas transformações, e o poeta Bjørnvig contou que uma noite, por razões que nem ele percebeu, Isak Dinesen se encolerizou e se converteu numa fúria gesticulante e decrépita, dominada pela ira, que o deixou esmagado e paralisado. Depois, quando o poeta já se havia deitado, a baronesa entrou sorrateiramente no quarto dele e sentou-se na borda da cama: mas agora estava radiante, metamorfoseada, com a beleza de uma jovem de dezassete anos. Também é verdade que o próprio Bjørnvig confessou que, se não tivesse assistido à transformação, não teria acreditado.

A baronesa, contudo, proporcionava também, ao não-amante e aos amigos, maravilhosos momentos de prazer e beleza e transe. Em certa ocasião, e no meio de um serão feliz, levantou-se e saiu da sala. Regressou pouco depois com um revólver, ergueu-o e apontou-o ao poeta durante bastante tempo. Este nem se mexeu, segundo as

suas próprias palavras, porque naquele estado de felicidade a morte pouco lhe importaria. Talvez convenha acrescentar que o poeta Bjørnvig não conseguiu publicar nada durante os quatro anos que o seu arrebatamento durou.

Isak Dinesen afirmava que não via bem, mas era capaz de distinguir trevos de quatro folhas num campo a distâncias inconcebíveis e de descortinar a lua nova quando esta ainda era invisível. Quando a descobria, tinha por hábito cumprimentá-la com três reverências, e garantia que convinha discerni-la sem ajuda de óculo, pois isso dava má sorte. Tocava piano e flauta, de preferência Schubert no primeiro caso e Händel no segundo, e ao entardecer recordava com frequência poemas de Heine, o seu preferido, e por vezes de Goethe, que detestava mas recitava. Dostoievski aborrecia-a, embora o admirasse, e era uma admiradora incondicional de Shakespeare. De Heine citava amiúde estes versos: «Quiseste ser feliz, infinitamente feliz ou infinitamente infeliz, coração orgulhoso, e agora és infeliz.»

Aqueles olhos rodeados de *kôhl* estavam cheios de segredos, segundo dizem todos aqueles que os observaram: nunca pestanejavam nem se afastavam do que estavam a olhar. O pai de Isak Dinesen suicidara-se quando ela tinha dez anos, e ela contava histórias desde criança. A irmã mais nova implorava-lhe às vezes, quando se ia deitar cheia de sono: «Oh, Tania, esta noite *não!*» Na velhice, pelo contrário, os seus anfitriões ou convidados pediam-lhe que contasse uma história qualquer. Às vezes acedia, como quem dá uma prenda. Todas as quintas-feiras jantava com um miúdo a quem comprara roupa adequada à ocasião: era o filho da cozinheira, que uma noite surpreendera escondido, à espreita, espiando-a a jantar sozinha. Gostava de provocar, mas suave e ironicamente, como quando colocava objecções à democracia absoluta, temendo pela sorte das elites: «Já sabem, deveria haver sempre alguns versados em matéria de clássicos.» Dizia que governava a sua vida pessoal segundo as regras da tragédia clássica e que educaria os filhos que nunca teve de acordo com elas.

No fim da vida passava vários meses por ano numa clínica e o resto, como sempre, em Rungstedlund, onde morreu calmamente, depois de ter ouvido Brahms durante a tarde, a 7 de Setembro de 1962. Fumou sem parar até ao fim dos seus dias, que deixou com a

idade de setenta e sete anos, e foi enterrada ao pé de uma faia que ela própria escolhera, junto da costa de Rungsted. Segundo Lawrence Durrell, a escritora teria deitado uma olhadela amável e irónica a quem se tivesse atrevido a chorar a sua morte. «Na verdade tenho três mil anos e jantei com Sócrates.»

Isak Dinesen fez suas estas palavras: «Em arte não há mistério. Faz as coisas que possas ver, elas te mostrarão as que não podes ver.»